

Algumas notas sobre a quantificação de *Degree Achievements* em Português Europeu

Inês Cantante¹

¹Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Centro de Linguística da Universidade do Porto

Resumo

A presente investigação aborda a quantificação de *Degree Achievements* (DAs) em Português Europeu (PE). Os DAs têm sido bastante investigados, por se tratarem, na sua maioria, de verbos deadjetivais, que herdaram a sua estrutura de adjetivos graduáveis, e que apresentam a particularidade de permitirem uma ambiguidade de leituras relativamente à telicidade do evento que projetam: téticas e atélicas. Por se tratar de verbos que derivam de adjetivos graduáveis, os DAs têm sido considerados, na literatura, predicados graduáveis, o que permite questionar se este tipo de verbo poderá ou não ser quantificado. Dessa forma, o presente trabalho pretende verificar a compatibilidade deste tipo de verbos com os quantificadores *muito* e *pouco* em PE. Tendo em conta a investigação de Quadros Gomes (2011a, 2011b) sobre a modificação de adjetivos graduáveis por *muito* e *bem* em Português do Brasil (PB), pretende-se, neste caso, compreender de que modo a quantificação por *muito* e *pouco* atuará nos DAs, particularmente no que diz respeito à estrutura escalar destes verbos (DAs derivados de escala aberta derivados de escala fechada), bem como à leitura final obtida: tética, atélica ou ambas. Os resultados parecem mostrar que o tipo de escala não influencia a leitura final, já que nenhum dos DAs em análise induz uma leitura tética (de grau máximo, contextualmente definido). De facto, em todos os casos, incluindo os DAs de escala fechada, a leitura obtida é atélica, denotando uma interpretação de processo. Além disso, em PE, uma segunda leitura, relativa à frequência das eventualidades (i.e., a uma repetição do evento denotado pelo verbo), parece estar disponível na maioria dos casos.

Palavras-chave: *Degree achievements*, adjetivos graduáveis, escalas, quantificação verbal, telicidade.

Abstract

The present investigation addresses the quantification of Degree Achievements (DAs) in European Portuguese (EP). DAs have been extensively investigated, as they are mostly deadjectival verbs, which therefore inherit their structure from gradable adjectives. These verbs have the special feature of allowing ambiguous readings regarding the telicity of the event projected by the verb: either telic or atelic. Since they derive from gradable adjectives, DAs have typically been considered, in the literature, gradable predicates, which allows us to question whether or not this type of verb can be quantified. Thus, the present work intends to verify the compatibility of this type of verbs with the EP quantifiers *muito* ('very') and *pouco* ('little'). Taking into consideration the research by Quadros Gomes (2011a, 2011b) on the modification of gradable adjectives by *muito* ('much/very') and *bem* ('well') in Brazilian Portuguese (BP), we aim to understand how these quantifiers will act on DAs particularly in what concerns their basic scalar structure (open-scale and closed-scale DAs) and the final readings available for each case: telic, atelic or both. The results show that the type of scale does not influence the final reading, since none of the analysed DAs induces a telic reading (i.e., the attaining of a maximum degree, contextually defined). In fact, in all the cases, even with closed-scale DAs, the final interpretation is atelic, denoting a process reading. Moreover, in EP, a second reading, concerning the degree of frequency of the eventualities denoted by these verbs (which denotes repetition of the events), seems to be available for most of the analysed examples.

Keywords: Degree achievements, gradable adjectives, scales, verbal quantification, telicity.



1. Introdução

Os Degree Achievements (DAs) são uma classe verbal que tem vindo a ser amplamente estudada na literatura (cf. Abusch, 1986; Dowty, 1979; Hay, 1998; Hay et al., 1999; Kennedy, 2012; Kennedy & Levin, 2008; Kennedy & McNally, 2005; Leal et al., 2015; Rothstein, 2008; e outros). De facto, dos vários estudos sobre esta temática, é possível salientar algumas conclusões comuns, particularmente no que concerne à estrutura dos verbos pertencentes a esta classe, por um lado, e à sua telicidade, por outro. Assim, os vários autores parecem concordar que os DAs deadjetivais derivam de adjetivos graduáveis, dos quais herdam a estrutura escalar. Assim, um DA como *alargar* deverá projetar, à semelhança do adjetivo básico de que deriva (*largo*), uma escala aberta. O mesmo acontece, em sentido oposto, com DAs que derivam de escala fechada, dos quais é exemplo o verbo *encher*. Neste caso, o adjetivo graduável *cheio* só se pode referir a objetos que apresentem a totalidade do seu volume ocupada. No que diz respeito à telicidade destes verbos, uma outra característica que também parece ser consensual é o facto de estes apresentarem a possibilidade de duas interpretações: uma tética e uma atélica. De facto, os DAs aceitam combinar-se tanto com adverbiais temporais do tipo ‘*em x tempo*’ como com adverbiais temporais do tipo ‘*durante x tempo*’. Note-se que este tipo de adverbiais é frequentemente utilizado para distinguir eventos que apresentam culminação, i.e., téticos, de eventos sem a presença de um fim, i.e., atélicos.

Assim, tendo em conta as considerações tecidas até aqui, e sabendo-se que os DAs têm uma componente graduável, que herdam dos adjetivos de que derivam, a presente investigação tem como objetivo verificar, em primeiro lugar, se este tipo de verbos aceita quantificação, em Português Europeu (PE), e, em segundo, verificar de que forma é que essa quantificação atua, particularmente no que diz respeito à telicidade dos DAs.

Para isso, foram selecionados seis pares de verbos (12 no total), retirados e adaptados da literatura existente, com o objetivo de verificar a sua compatibilidade com os quantificadores *muito* e *pouco*, em PE. O presente artigo organiza-se da seguinte forma: em primeiro lugar, far-se-á uma breve introdução à literatura existente sobre os DAs, apresentando-se, de seguida, alguns conceitos básicos relativos a graduabilidade e escalas, particularmente no que concerne aos adjetivos graduáveis. Segue-se uma reflexão sobre algumas particularidades da quantificação de adjetivos graduáveis, mais propriamente no que diz respeito ao comportamento dos modificadores *muito* e *bem* e às suas especificidades no Português do Brasil (PB) (cf. Quadros Gomes, 2011a, 2011b). Por fim, após a apresentação e discussão dos exemplos em PE, serão apresentadas algumas considerações finais.

2. Degree Achievements (DAs): breve enquadramento teórico

Os DAs são verbos que denotam uma mudança nas entidades sobre as quais predicam. Na verdade, estes verbos, que representam eventos que envolvem uma mudança de estado, projetam um argumento com uma determinada propriedade graduável, cujo grau é obrigatoriamente diferente no início e no fim do evento. Por essa razão, Dowty (1979) analisou-os como verbos de mudança de estado, verificando, no entanto, que esta classe de verbos, em particular, apresentava a particularidade de aceitar adverbiais de duração téticos (‘*em x tempo*’) e atélicos (‘*durante x tempo*’).

(1) A sopa **arrefeceu** *em dez minutos*.

(2) A sopa **arrefeceu** *durante dez minutos*.

Nos exemplos em apreço, o verbo *arrefecer* projeta uma escala de TEMPERATURA, representando um evento em que a temperatura do argumento, denotado pelo sintagma nominal *A sopa*, varia consoante a progressão do evento. Hay et al. (1999) observam que a diferença entre as duas leituras reside na obtenção ou não de um grau específico da propriedade relevante (interpretado contextualmente relativamente a um standard de comparação) ou de uma leitura em que apenas se atinge um grau diferente (maior ou menor, consoante o



verbo) da mesma propriedade. Desta forma, em (1), a leitura que se obtém é tética, no sentido em que se considera que *a sopa* atingiu um grau, contextualmente determinado, em que se pode afirmar que *a sopa está fria*. No segundo caso, pelo contrário, apenas se diz que o grau de temperatura da sopa é menor, após dez minutos, do que era inicialmente. Tal comportamento levou Abusch (1986) a considerar este tipo de verbos como predicados vagos, que apresentam uma ambiguidade entre duas leituras possíveis, uma do tipo “become adjective” e outra do tipo “become adjective-er” (Abusch, 1986, p. 5). Segundo a autora, esta ambiguidade pode ser resolvida pela existência de um parâmetro de contexto (*context parameter*), que ajuda a compreender se o contexto dado para a comparação é fixo (o que implicaria uma leitura tética) ou não, caso em que a leitura atética seria possível.¹

Assim, e apesar de serem tipicamente apelidados de *Degree Achievements* (literalmente, ‘culminações de grau’) (Dowty, 1979), estes verbos apresentam a possibilidade de se comportarem como processos, nas leituras atéticas, e processos culminados, nas leituras téticas. Hay (1998) assume que, de um modo geral, verbos derivados de adjetivos com escala fechada (i.e., com limite máximo ou mínimo) são téticos e verbos derivados de adjetivos com escala aberta (i.e., sem limites) são atéticos. Apesar de se tratar de uma explicação insuficiente para explicar a ambiguidade de leituras dos DAs, esta análise permite considerar os DAs como predicados graduáveis e uma das suas características enquanto tal é que o seu argumento sofre uma mudança numa determinada propriedade (graduável) no decurso do evento.

Ao considerar-se, à semelhança de Hay (1998), Rothstein (2008), Kennedy e McNally (2005) e Kennedy e Levin (2008), que estes verbos herdaram a estrutura escalar dos adjetivos de que derivam, torna-se fundamental compreender alguns conceitos relativos à graduabilidade destes adjetivos, o que será feito na secção seguinte.

3. Adjetivos graduáveis: conceitos básicos para a compreensão de predicados graduáveis

Assumindo-se, então, que os DAs herdaram as suas propriedades escalares de adjetivos graduáveis, também estes verbos poderão estar associados a dois tipos de escala diferentes: aberta ou fechada.² Dessa forma, a determinação da telicidade dos DAs também deverá depender dos adjetivos de grau relevantes, podendo considerar-se que, a escalas fechadas, estarão associadas leituras téticas, estando as leituras atéticas associadas

¹ Os exemplos dados pela autora são os seguintes:

- (ia) The Atlantic Ocean is wide and is widening.
- (ib) ?The Atlantic Ocean is wide and becoming wide.
- (ic) The Atlantic Ocean is wide and becoming wider.
- (iia) John is tall and is growing.
- (iib) ?John is tall and becoming tall.
- (iic) John is tall and becoming taller.

(Abusch, 1986, pp. 5–6)

Nestes casos, a presença de um grau comparativo (exemplos a, e c), que compara, respetivamente, *a largura do Oceano Atlântico* e *a altura do João*, em dois momentos diferentes e não definidos, permite a conceptualização de um contexto que não é tomado como fixo e, por isso, o processo descrito pelo verbo pode continuar a decorrer, não havendo, à partida, um ponto final (*telos*) do evento. No entanto, nos exemplos em b., dados pela autora, as mesmas dimensões de comparação, i.e., *largura do Oceano Atlântico* e *altura do João*, são comparadas relativamente a um standard de comparação que, embora não esteja explicitado, é fixo – note-se que, ao afirmar que *o João é alto*, o falante assume um standard de comparação (que pode corresponder, por exemplo, à altura normal de indivíduos da idade do João), que torna essa frase verdadeira. Consequentemente, a presença deste contexto fixo implica a leitura tética e, por essa razão, impede a continuação do evento (descrita no seguimento da frase).

² Um teste utilizado para distinguir adjetivos de escala aberta de adjetivos de escala fechada é a possibilidade (ou não) de modificação pelos *proportional modifiers* (cf. Hay, 1998; Kennedy & McNally, 2005; Leal et al., 2015), i.e., modificadores proporcionais do tipo *completamente*, *parcialmente*, *meio*. De facto, tal modificação está vedada a adjetivos de escala aberta, sendo apenas compatível com adjetivos de escala fechada, já que só este tipo de escala envolve a existência de um conjunto definido e limitado de graus, sobre os quais estes modificadores podem atuar. Veja-se, a título ilustrativo, o exemplo abaixo (retirado de Leal et al., 2015, p. 155):

- (i) {completamente/meio} maduro/ vazio – Adjetivos de escala fechada
- (ii) ???/* {completamente/meio} saboroso/ mole – Adjetivos de escala aberta



a escalas abertas. No entanto, conforme mostra Kennedy (2012), a introdução de uma medida específica permite ‘forçar’ leituras téticas em verbos que seriam considerados atélicos:

- (3) ?O rio **alargou** *em meia hora*.
(3a) O rio **alargou** 1 metro *em meia hora*.

Em (3), na ausência de um contexto mais abrangente, a frase poderia ser considerada difícil de aceitar, já que o verbo *alargar*, derivado de um adjetivo de escala aberta, parece induzir preferencialmente leituras atélicas, de processo, mais facilmente compatíveis com adverbiais durativos do tipo *durante x tempo*. No entanto, como (3a) permite mostrar, a introdução de uma medida específica, que mede a diferença da largura do rio no início e no fim do evento, marca o ponto em que o evento termina (i.e., o ponto de culminação), e, por isso, a leitura tética passa a ser aceitável.

Hay et al. (1999) notaram, ainda, que também a atelicidade de um evento representado por um verbo tipicamente tético é possível, através da combinação com um adverbial durativo do tipo ‘*durante x tempo*’, pelo facto de, neste caso, o adverbial funcionar no sentido de cancelar a implicatura de telicidade, dada pelo verbo (Hay et al., 1999, p. 138).³ Veja-se (4), em que a leitura mais natural é a tética: no fim do evento, o cabelo da Maria estava totalmente seco. Porém, em (4a), a introdução do adverbial temporal induz uma leitura obrigatoriamente atélica e a interpretação é a de que o cabelo da Maria não ficou completamente seco, decorridos dez minutos após o início do evento.

- (4) A Maria secou o cabelo.
(4a) A Maria secou o cabelo *durante 10 minutos*.

Ainda assim, nos casos em que a telicidade surge devido à presença de material linguístico que implica uma leitura de medição, a leitura tética não pode ser cancelada pela presença do adverbial, razão pela qual uma frase como (5) não seria aceitável numa leitura atélica.⁴

- (5) ?A Maria **alargou** as calças 10cm *durante meia hora*.

Considerando que uma grande parte dos DAs deriva de adjetivos graduáveis (cf. Rothstein, 2008), torna-se fundamental compreender que estes adjetivos representam relações entre objetos e graus, definidos na literatura como “points or intervals partially ordered along some dimension” (Kennedy & McNally, 2005, p. 349). Assim, uma escala configura um conjunto de graus, que representam, cada um, “a different measure of a single gradable property” (Hay, 1998). Uma escala terá sempre uma dimensão de ordenação e uma relação de ordenação, que indica se os valores que configuram os graus estão ordenados de forma crescente ou decrescente

³ Note-se que este comportamento não se restringe aos DAs, já que, na verdade, também os processos culminados apresentam esta possibilidade. Notem-se os exemplos:

- (i) A Maria leu o livro *em meia hora*.
(ii) A Maria leu o livro *durante meia hora*.

Se, no primeiro caso, a leitura obtida é tética, i.e., a Maria acabou de ler o livro, e demorou meia hora a lê-lo do início ao fim, no segundo, a situação é diferente, já que a presença do adverbial *durante meia hora* apenas indica que a Maria esteve envolvida na atividade de ler o livro durante 30 minutos, não havendo indicação de que o livro foi totalmente lido.

⁴ Deve notar-se que esta interpretação poderá, eventualmente, ser possível, se for criado um contexto adequado (como, por exemplo, a existência de um concurso de ‘alargamento de calças’, em que, para um dado intervalo de tempo – do tipo *durante meia hora* –, o concorrente que provoca um maior alargamento nas calças é o vencedor). Note-se, no entanto, que tal contexto levaria à consideração de um intervalo temporalmente delimitado (que corresponderia à duração de uma prova) que obrigaria a uma leitura tética. Além disso, um contexto como este impor fortes restrições à configuração do Mundo para que tal estado de coisas se pudesse verificar. Assim, apesar de ser teoricamente possível, tal não constitui uma interpretação natural para este tipo de construção, que continua, assim, a ser tida como dificilmente aceitável numa leitura atélica.



(e que reflete, por exemplo, a diferença entre *aquecer* e *arrefecer*). Desta forma, o mesmo objeto pode apresentar, ao longo do evento, diferentes graus de uma determinada propriedade, que, por sua vez, é representada ao longo de uma dimensão específica (temperatura, comprimento, altura, peso, etc.), projetada pelo próprio verbo.

Para Kennedy e Levin (2008), um DA representa uma função de medição que mede, portanto, a diferença no grau de uma dada propriedade graduável, determinada pela base adjetival, que um objeto apresenta no início e no fim do evento. Para estes autores, esta mudança é representada por um valor diferencial ('difference value'), que é um elemento fundamental para a determinação da telicidade do evento: se este valor for exato (i.e., definido) e delimitado, o evento será télico, caso contrário, será atélico (Kennedy & Levin, 2008, p. 8). Os mesmos autores definem o valor diferencial como a "measure of the amount that an object changes as a result of participating in the event described by a DA." (Kennedy & Levin, 2008, p. 163). Em certos casos, a especificação deste valor pode ser dada através de expressões, como sintagmas que representam medidas (*10 cm, 3km, etc.*) ou modificadores de grau (*completamente*).

Estes valores são sempre interpretados de acordo com um **standard de comparação**, que representa "the minimum degree required to 'stand out' in the context relative to the kind of measurement expressed by the adjective" (Kennedy & Levin, 2008, p. 163). Normalmente, o valor do standard de comparação é fixo (no limite máximo ou no limite mínimo de uma escala) e independente do contexto, se o adjetivo tiver escala fechada, ou contextualmente dependente, no caso de o adjetivo projetar uma escala aberta. Estes autores servem-se das características do standard de comparação para explicar a ambiguidade entre as leituras télica e atélica, já que, para que ocorra uma leitura atélica, apenas é necessário que haja um grau mínimo de mudança no objeto que participa no evento, i.e., o valor diferencial pode ser mínimo (cf. (6), em que, para que a frase seja verdadeira, basta que *a rua* tenha alargado 0,0000001 mm). Pelo contrário, para que a leitura seja télica, é necessário que a mudança tenha um valor fixo, definido como um ponto máximo ou mínimo da escala (consoante o verbo projete uma escala que envolva um aumento ou a diminuição do grau), como em (7), em que a frase apenas é verdadeira se a roupa tiver 0% de humidade, ou seja, se estiver completamente seca.⁵

(6) A rua **alargou**.

(7) A roupa **secou**.

Assim, sintetizando, os DAs são tipicamente analisados como predicados graduáveis, que representam funções de medição que avaliam o grau da mudança num objeto com uma determinada propriedade (graduável), como consequência da sua participação no evento. Essenciais para a determinação da telicidade dos DAs são, ainda, a telicidade do valor diferencial e do standard de comparação, projetados pelo próprio verbo.

3.1. Muito e bem como intensificadores de adjetivos graduáveis: algumas notas

À semelhança de Kennedy e McNally (2005), que investigaram a distribuição complementar dos modificadores de grau *much, very* e *well*, para o Inglês, Quadros Gomes (2011b) também investigou, para o Português do Brasil (PB), a distinção entre os modificadores *muito* e *bem*. Em relação ao Inglês, os autores propõem que os modificadores em análise impõem uma restrição quanto ao tipo de escala que modificam: *very* apenas pode modificar adjetivos que apresentem escala aberta, *much* modifica adjetivos que apresentem escala fechada na ponta inferior e, inversamente, *well* modifica adjetivos cuja escala é fechada na ponta superior. Todavia, Quadros Gomes (2011b) mostra que, em PB, tal restrição não ocorre. Assumindo que estes

⁵ Note-se que, embora se trate de um adjetivo de escala fechada, existe a possibilidade de o utilizar em frases como "A camisa secou, mas não completamente: a gola e os punhos ainda estão húmidos". Neste caso, no entanto, o que se refere, na verdade, é que existem partes da camisa que ainda não estão secas. Tal comportamento demonstra que é necessário fazer a distinção entre uma leitura escalar (i.e., de obtenção de um grau máximo numa escala) de uma leitura mereológica, que diz respeito a partes do objeto e, consequentemente, à possibilidade de que algumas dessas partes não tenham (ainda) atingido o ponto máximo da escala, no momento da enunciação.



modificadores se comportam como intensificadores, no sentido em que “‘aumentam’ o grau da propriedade exibida pelo argumento do AG [adjetivo de grau]” (Quadros Gomes, 2011b, p. 3), a autora mostra que, tanto *bem*, como *muito* podem operar sobre adjetivos de grau de escala aberta ou fechada, não apresentando qualquer restrição de seleção. No entanto, estes modificadores impõem restrições quanto ao resultado da modificação que provocam: quando aplicado a adjetivos graduáveis, *muito* produz sempre um complexo que tem escala aberta e parâmetro relativo, tal significando que o standard de comparação é fornecido pelo contexto. Em (8), a consideração do VOLUME DE OCUPAÇÃO da chávena como elevado pode variar de falante para falante, o mesmo acontecendo em (8a), caso em que a frase pode ser verdadeira para um falante e falsa para outro. Em nenhum dos casos, no entanto, o complexo descrito pelo conjunto [Modificador + Adjetivo de grau] denota a sobreposição com o grau máximo da escala de VOLUME DE OCUPAÇÃO (cf. (8) e TAMANHO (cf. (8a)).

(8) A chávena está **muito** cheia.

(8a) O sapato é **muito** grande.

Pelo contrário, *bem* dá origem a um complexo de escala fechada e parâmetro absoluto (independente do contexto): em (9), a chávena tem de pertencer ao domínio das *chávenas cheias*, para que a frase seja verdadeira; da mesma forma, em (9a), a comparação da altura da Alice pode ser feita, por exemplo, relativamente a raparigas da sua idade, exigindo também que haja uma sobreposição entre a altura da Alice e a parte da escala em que estão situados os *indivíduos altos* da idade da Alice (cf. (9b)).

(9) A chávena está **bem** cheia.

(9a) A Alice é **bem** grande.

(9b) A Alice é bem grande para uma menina da sua idade.

Assim, e conforme afirma a autora, “*muito* não conserva intactas as propriedades do adjetivo que modifica” (Quadros Gomes, 2011b, p. 4), já que, independentemente de modificar um adjetivo de escala aberta ou fechada, este intensificador parece promover sempre uma leitura de escala aberta. Além disso, a autora mostra, também, que o standard de comparação para a avaliação da intensificação por *muito* depende do contexto. Assim, a sua ação enquanto intensificador força uma interpretação de escala aberta do complexo intensificado, independentemente das propriedades escalares do adjetivo básico.

Considerando, à semelhança de Kennedy e McNally (2005), que a propriedade da graduabilidade não é exclusiva de adjetivos, podendo, igualmente, aplicar-se a nomes e verbos, torna-se, então, possível refletir sobre a forma como estes mesmos modificadores atuarão, quando aplicados a verbos como os DAs, que derivam, tipicamente, de adjetivos graduáveis (como, por exemplo, *encher* [‘cheio’] ou *aquecer* [‘quente’]). Dessa forma, na próxima secção, serão analisados exemplos de frases com DAs de escala aberta e de escala fechada modificados por *muito* e *pouco*, com o objetivo de compreender de que forma é que estes quantificadores atuam no domínio verbal, particularmente com verbos que têm uma componente escalar (associada ao seu adjetivo básico).

4. Os dados do PE: quantificação por muito e pouco de DAs deadjetivais

Para a presente investigação, a seleção dos DAs a analisar foi feita tendo em consideração a relação entre estes verbos e os adjetivos graduáveis a que estão associados, particularmente no que diz respeito às características da escala que partilham: tanto o adjetivo *largo*, como o verbo *alargar* estão associados a uma mesma escala de LARGURA, da mesma forma que o verbo *encher* utiliza a mesma escala que o adjetivo *cheio*, relativa ao VOLUME DE OCUPAÇÃO. Assim, tendo como base a literatura existente, foram selecionados seis pares de verbos, três associados a adjetivos graduáveis com escala aberta e três com escala fechada, num total de doze verbos.



Assim, em análise estão os DAs de escala aberta *alargar/estretar*, *escurecer/clarear* e *aquecer/arrefecer* e os DAs de escala fechada *abrir/fechar*, *encher/esvaziar* e *molhar/secar*. Os exemplos foram recolhidos e adaptados dos diversos estudos existentes sobre DAs, tanto em Inglês (cf. Kennedy & Levin, 2008; Kennedy & McNally, 2005; McNally, 2017; Rothstein, 2008), como em PE (Leal et al., 2015).

Em relação aos DAs derivados de escala aberta, os verbos *alargar* e *estretar*, quando modificados por *muito*, parecem induzir uma leitura atélica, i.e., sabe-se que a largura da *rua* no fim do evento representado por *alargar* (cf. (10)) é superior à largura da mesma no início do evento e, no caso de *estretar* (cf. (11)), a mesma largura (da *estrada*) será menor (pelo facto de o verbo projetar, neste caso, uma escala no sentido decrescente). O mesmo acontece com *pouco*, embora no sentido inverso (cf. (10b) – (11b)). Em nenhum dos casos, porém, a leitura obtida é atélica, i.e., não é possível assumir que a *rua/estrada* atingiu um grau contextualmente relevante para que possa ser considerada *larga* ou *estreita*.

- (10) A rua alargou **muito**.
(10a) A rua alargou **pouco**.
(11) A estrada estreitou **muito**.
(11a) A estrada estreitou **pouco**.

Já em relação ao par *escurecer/clarear*, também de escala aberta, os exemplos abaixo mostram que, além das leituras mencionadas para o par anterior, estes verbos apresentam uma possibilidade adicional de interpretação, que se relaciona com a frequência das ocorrências de *escurecer/clarear*. Assim, em (13), por exemplo, é possível colocar-se um cenário em que *a sala*, depois de estar clara, tornou a escurecer e voltou a clarear, e assim sucessivamente, num número de ocorrências indefinido, mas que terá, obrigatoriamente, de ser considerado elevado, na presença de *muito*, ou reduzido, na presença de *pouco*. Note-se que a introdução de um adverbial de duração adequado,⁶ que privilegie a leitura de frequência, torna os exemplos mais naturais (como o caso dos exemplos em b).⁷

- (12) O céu escureceu **muito**.
(12a) O céu escureceu **pouco**.
(12b) *Na última semana*, o céu escureceu **muito/pouco**.
(13) A sala clareou **muito**.
(13a) A sala clareou **pouco**.
(13b) *Durante o filme*, a sala clareou **muito/pouco**.

⁶ Note-se que esta afirmação é válida, também, para o primeiro par de verbos (*alargar/estretar*), se houver um elemento que privilegie a leitura de frequência. Veja-se, a este propósito, um exemplo sugerido por um avaliador anónimo:

(i) Durante as obras dos últimos vinte anos, a avenida *alargou/estretou* **muito/pouco**.

Se, em (i), a leitura mais natural parece ser a de frequência (em que se assume que *a avenida* sofreu várias alterações ao longo de um período de vinte anos, assumindo-se, simultaneamente, que, em nenhuma dessas alterações, a sua largura se alterou significativamente), tal só acontece devido à presença de um adverbial temporal que indica uma duração longa (*vinte anos*) e que, conseqüentemente, permite a existência de vários eventos (realização de *obras*) que envolvem a alteração da largura da avenida. De facto, na ausência desta localização temporal, mantém-se a interpretação de mudança de grau verificada anteriormente.

⁷ Veja-se, ainda, que esta possibilidade não é restrita à classe dos DAs, podendo aplicar-se a outro tipo de verbos, que não são derivados de adjetivos de grau:

(i) Na semana passada, *choveu* **muito**.
(ii) Hoje, a Maria *caiu* **pouco**.

Tal comportamento demonstra que *muito/pouco* podem funcionar como operadores de modificação aspetual, medindo a quantidade de ocorrências dos eventos considerados (*muitas vezes/poucas vezes*), sempre de forma imprecisa, registando-a como superior ou inferior ao esperado.



Por fim, a modificação dos verbos de escala aberta *aquecer* e *arrefecer* (cf. (14), (15) – (16)) apresenta, também, uma interpretação relativa à obtenção de um grau de temperatura *superior* (com *muito*) ou *inferior* (com *pouco*) no fim do evento, relativamente ao grau inicial. Além disso, também a leitura de frequência é possível, em que *muito/pouco* projetam uma pluralidade eventos de *aquecer/arrefecer*, embora esta leitura pareça mais natural em (15), em que o SN *o João*, com função de sujeito, é o responsável pelo evento *aquecer o leite*.⁸ Nesse caso, torna-se mais fácil compreender que *o João* pode ter aquecido *o leite* mais do que uma vez, do que, por exemplo, em (14) ou (16), em que a interpretação mais natural parece ser a de mudança de grau, i.e., a de que *a sopa/o leite aqueceu/arrefeceu* num elevado grau. Dito por outras palavras, a temperatura é diferente (maior ou menor, consoante o verbo e o modificador) no final do evento, comparativamente à sua temperatura no início do mesmo. Mesmo assim, em nenhum dos exemplos é possível uma interpretação télica de que se atingiu uma temperatura contextualmente considerada como *quente* ou *fria*.

- (14) O leite *aqueceu muito*.
 (14a) O leite *aqueceu pouco*.
 (15) O João *aqueceu muito* o leite.
 (15a) O João *aqueceu pouco* o leite.
 (16) A sopa *arrefeceu muito*.
 (16a) A sopa *arrefeceu pouco*.

Passando agora à análise dos DAs derivados de adjetivos graduáveis de escala fechada, é possível observar que as leituras se mantêm. De facto, com *abrir/fechar*, existem duas possibilidades de interpretação: (17) pode significar que o grau de abertura *da porta* é maior no final do evento do que no início, e, além disso, que a diferença entre o grau de abertura nos dois momentos é acentuada, pela utilização de *muito* (que marca um grau obrigatoriamente elevado, ainda que impreciso), ou reduzida, no caso de *pouco*. O mesmo acontece, embora em sentido inverso, no caso de (18). No entanto, como segunda possibilidade de interpretação, é possível considerar que *a porta* foi aberta (ou fechada) mais do que uma vez. Neste caso, parece lógico assumir que, entre cada evento de abrir a porta, houve um momento em que a porta voltou a estar fechada. Esta leitura é mais natural em (19), em que o sujeito é *A Maria*, com função agentiva, ou (20), em que *o vento* funciona como causador. Note-se que, mesmo neste caso, a possibilidade de leitura de mudança de grau mantém-se possível (parafraaseável por *A Maria fechou a porta num elevado grau*). Esta leitura torna-se mais visível em (19b) e (20b), em que a continuação da frase evidencia que a porta não foi, efetivamente, aberta/fechada por completo.

- (17) A porta abriu *muito*.
 (17a) A porta abriu *pouco*.
 (18) A porta fechou *muito*.
 (18a) A porta fechou *pouco*.
 (19) A Maria abriu *muito* a porta.
 (19a) A Maria abriu *pouco* a porta.
 (19b) A Maria abriu *muito* a porta. Na verdade, deixou-a escancarada.

⁸ Neste caso em particular, os verbos em análise apresentam um comportamento próximo dos verbos de alternância causativa. Estes verbos têm a particularidade de apresentarem duas ‘variantes’: uma causativa, que é transitiva, e uma não causativa (inacusativa), em que “o argumento interno direto ocorre como sujeito” (Duarte, 2003, p. 306). Vejam-se os exemplos dados por Duarte (2003, p. 305) para ilustrar esta alternância:

- (i) O calor derreteu o gelado.
 (ii) O gelado derreteu(-se).



- (20) O vento fechou **muito** a porta.
(20a) O vento fechou **pouco** a porta.
(20b) O vento fechou **muito** a porta. Na verdade, deixou-a quase fechada.

Também com *encher/esvaziar* (cf. (21) – (22)), as interpretações obtidas são do mesmo tipo, uma que avalia o grau da mudança sofrida pelo argumento verbal, e outra, que avalia a frequência da ocorrência do evento descrito pelo verbo. Apesar de (21a) não parecer tão natural como (21), a explicitação de um contexto apropriado para a interpretação torna a frase aceitável.⁹ Em ambos os casos, as leituras são vagas: *muito* e *pouco* medem uma mudança de grau ou uma pluralidade de eventos, que tem de ser acentuada no caso de *muito*, e reduzida no caso de *pouco*, mas que nunca tem um valor ou uma cardinalidade precisamente definida.

- (21) A piscina encheu **muito** .
(21a) A piscina encheu **pouco** (apesar de ter chovido muito).
(22) O João esvaziou **muito** a piscina.
(22a) O João esvaziou **pouco** a piscina.

Note-se, ainda, a relevância do complemento no momento da interpretação da frase. Em (22), embora ambas as leituras sejam possíveis, a preferencial parece ser a que envolve uma mudança de grau: *a piscina* tinha, no início do evento, um determinado volume ocupado por uma substância líquida (admita-se que se trata de *água*); ao *esvaziar muito a piscina*, assume-se que *o João* retirou um elevado volume de água da mesma e, conseqüentemente, *a piscina* encontra-se (muito) menos cheia (embora não se possa assumir que esteja vazia). Em (23), abaixo, também existe a possibilidade de duas interpretações: ou *o João encheu o lava-loiça* até que este ficasse perto da sua capacidade volumétrica total, ou *o João encheu várias vezes o lava-loiça*. No entanto, olhando para (24), a leitura preferencial parece ser a de que *o João esvaziou o lava-loiça várias vezes*; neste caso, o complemento, em interação com o nosso conhecimento do mundo, tem influência na interpretação, já que a capacidade volumétrica de um lava-loiça é bastante inferior à de uma piscina, o que leva a que a ação de o esvaziar seja muito menos demorada, tornando-se mais fácil assumir que possa ocorrer diversas vezes, mesmo num curto intervalo de tempo (por exemplo, uma manhã).

- (23) O João encheu **muito** o lava-loiça.
(24) O João esvaziou **muito** o lava-loiça.

Em relação a *molhar/secar*, o que está, à partida, em avaliação é uma escala de humidade. Nos exemplos (25) – (26), mantêm-se as duas possibilidades de interpretação: mudança de grau e frequência. No primeiro caso, avalia-se a mudança no grau de humidade do argumento (*a roupa*) entre o início e o fim do evento, por ação da *chuva* e, no segundo, a interpretação é parafraseável por *A chuva molhou a roupa muitas/poucas vezes*. Note-se, no entanto, (26), em que a presença de *ao ar livre*, que define a forma como a roupa foi seca, privilegia a leitura de frequência.

- (25) A chuva molhou **muito** a roupa.
(25a) A chuva molhou **pouco** a roupa.
(26) A camisa secou **muito** (ao ar livre).

⁹ Note-se que a substituição de *a piscina* por *o estádio* (cf. (i), abaixo, em que se avalia o VOLUME DE OCUPAÇÃO do estádio), tornaria a frase bastante mais natural, o que parece evidenciar que esta leitura é, de facto, possível.

(i) O estádio encheu **pouco** .



(26a) A camisa secou **pouco** (ao ar livre).

Assim, de um modo geral, o que os exemplos em análise parecem mostrar é que, no caso de DAs baseados em adjetivos graduáveis de escala fechada, os quantificadores *muito* e *pouco* parecem atuar no sentido de modificar o grau da propriedade do argumento, de acordo com a dimensão escalar adequada (por exemplo, LARGURA ou TEMPERATURA), como resultado da participação no evento descrito pelo verbo. *Muito* marca uma elevada diferença de grau, o que, de acordo com Kennedy e Levin (2008), corresponderia a um valor diferencial acentuado, ao contrário de *pouco*, que evidenciaria um valor diferencial reduzido entre o início e o fim do evento. No entanto, e apesar de representar um aumento ou diminuição do grau da propriedade relevante, em nenhum dos casos, a leitura obtida é tética, i.e., não pode assumir-se que se atingiu um grau contextualmente relevante da propriedade em causa. Assim, afirmar, sem mais, que *A sopa arrefeceu muito* nunca é equivalente a afirmar que *A sopa ficou fria* (sendo o standard de comparação para *fria* fornecido pelo contexto). Do mesmo modo, afirmar que *A sopa arrefeceu pouco* também não significa que a sopa ficou fria, nem que a sopa continuou quente. Na verdade, tendo em consideração a leitura de grau, *arrefecer pouco* apenas indica que, na representação escalar do evento, o afastamento entre os graus de temperatura no início e no fim do evento é reduzido. Já em relação aos DAs baseados em adjetivos graduáveis de escala aberta, os exemplos analisados mostram que estes se comportam da mesma maneira, i.e., a modificação por *muito/pouco* promove leituras atélicas, que envolvem a alteração do grau de uma propriedade, relativa a uma dimensão relevante, projetada pelo verbo, presente no argumento verbal.

Ao investigar a distinção entre o comportamento de *muito* e *bem*, enquanto intensificadores do PB, Quadros Gomes (2011a, 2011b) propõe que *muito*, ao modificar adjetivos graduáveis, forma um complexo que tem sempre escala aberta e parâmetro (i.e., standard de comparação) relativo, dependente do contexto, independentemente de o adjetivo graduável que modifica projetar uma escala aberta ou fechada. O que os dados da presente investigação parecem evidenciar é que os DAs, verbos tipicamente deadjetivais, que herdaram a sua estrutura escalar dos adjetivos de que derivam, apresentam um comportamento semelhante. Assim, da mesma forma que o tipo de escala do adjetivo graduável não impõe qualquer restrição à modificação por *muito*, também o tipo de escala associado aos diversos DAs analisados não representa um obstáculo à modificação. Na verdade, o produto da modificação de DAs por *muito* e *pouco* é semelhante ao produto da modificação de adjetivos graduáveis por *muito*: uma leitura atélica, i.e., sem limite (escalar). Em nenhum dos casos, independentemente de se tratar de verbos derivados de adjetivos de escala aberta ou fechada, a leitura obtida após a intensificação é a de que se atingiu um determinado grau máximo da propriedade (contextualmente definido).

Além disso, os exemplos em PE parecem, ainda, pôr em evidência uma segunda possibilidade de interpretação: os quantificadores *muito* e *pouco* não têm apenas a função de intensificação, mencionada acima, podendo também promover uma leitura de frequência, i.e., a iteração de situações, num número indefinido, que terá de ser elevado, para *muito*, e reduzido, para *pouco*. Esta leitura de frequência parece ser possível porque introduz uma culminação, que se repete em todos os casos. Por outras palavras, *encher várias vezes o lava-loiça* implica que, entre cada evento de *encher*, tenha de haver, em primeiro lugar, uma culminação (i.e., *o lava-loiça tem de ficar cheio*) e, de igual modo, entre os vários eventos de *encher*, que se repetem, pelo uso de *muito/pouco*, tenha de existir um igual número de eventos de *esvaziar*.

5. Considerações finais

A presente investigação, ao abordar a possibilidade de quantificação no domínio verbal, focou, apenas, DAs, por serem verbos tradicionalmente associados ao domínio adjetival. Por essa razão, e por ser vasta a literatura que investiga a graduabilidade de adjetivos, esta classe verbal parece permitir uma associação evidente ao domínio da quantificação. Note-se que os DAs são verbos cujos argumentos representam entidades que sofrem uma mudança ao longo do evento, podendo essa mudança ser quantificada.



Recorrendo aos estudos existentes sobre adjetivos graduáveis, a presente investigação põe em evidência duas possibilidades de leitura para os DAs quantificados em PE: uma, em que se avalia o grau de mudança sofrido, ao longo do evento, pela entidade representada pelo argumento verbal, e outra, em que se mede o número de ocorrências do evento descrito pelo verbo. Por quantificarem de forma vaga e imprecisa, os quantificadores em análise não permitem medir a diferença exata no grau da propriedade do argumento no início e fim do evento, nem a cardinalidade precisa do número de ocorrências dos eventos descritos.

A presente investigação pode ser aprofundada, futuramente, de forma a avaliar a compatibilidade destes verbos com outros quantificadores, como o caso de *bastante* e *imenso*, bem como com *proportional modifiers*, do tipo *completamente* ou *parcialmente*. Se, no primeiro caso, a previsão é de que as diferenças comportamentais relativamente a *muito* e *pouco* não sejam significativas (embora tal hipótese tenha de ser verificada), no segundo, a aceitabilidade de frases como *o João aqueceu completamente/parcialmente a sopa* parece ser mais difícil ou, pelo menos, induzir uma leitura diferente das verificadas no presente estudo. Além disso, será também relevante verificar de que forma a quantificação verbal atua com verbos que não sejam inerentemente graduáveis, como o são os DAs.

Agradecimentos

Este trabalho foi financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia (Portugal), através da Bolsa de Doutoramento com a referência 2021.04998.BD, e pelo Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP) (FCT-UIDB /00022/2020).

Deixo, ainda, o meu agradecimento aos avaliadores anónimos, cujo contributo foi fundamental para a melhoria do presente trabalho.

Referências

- Abusch, Dorit (1986) *Verbs of change, causation and time*. Center for the Study of Language and Information.
- Dowty, David (1979) *Word meaning and Montague grammar. The semantics of verbs and times in generative semantics and in Montague's PTQ*. Reidel.
- Duarte, Inês (2003) Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordens de palavras. In Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria, Sónia Frota, Gabriela Matos, Fátima Oliveira, Marina Vigário & Alina Villalva (orgs.), *Gramática da língua portuguesa*. Caminho, pp. 275–321.
- Hay, Jennifer (1998) *The non-uniformity of degree achievements* [Apresentação de artigo]. 72th Annual Meeting of the LSA, New York.
- Hay, Jennifer, Christopher Kennedy & Beth Levin (1999) Scalar structure underlies telicity in “degree achievements”. In *Proceedings of SALT 9*. CLC Publications, pp. 127–144.
- Kennedy, Christopher (2012) The composition of incremental change. In Violeta Demonte & Louise McNally (orgs.), *Telicity, change, and state: A cross-categorical view of event-structure* (Part 1). Oxford University Press, pp. 103–121.
- Kennedy, Christopher & Louise McNally (2005) Scale structure and the semantic typology of gradable predicates. *Language* 81, pp. 345–381.
- Kennedy, Christopher & Beth Levin (2008) Measure of change: The adjectival core of degree achievements. In Louise McNally & Christopher Kennedy (eds.), *Adjectives and adverbs: Syntax, semantics and discourse*. Oxford University Press, pp.156–182.
- Leal, António, Luís Filipe Cunha & Idalina Ferreira (2015) Algumas reflexões sobre escalaridade e degree achievements em Português Europeu. In António Leal & Purificação Silvano (orgs.), *Estudos de semântica*. Centro de Linguística da Universidade do Porto/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 153–160.



- Quadros Gomes, Ana Paula (2011a) Uma proposta de distinção semântica para os intensificadores ‘muito’ e ‘bem’. *Revista de Estudos Linguísticos* 40 (1), pp. 379–394.
- Quadros Gomes, Ana Paula (2011b) A semântica de grau em PB. *Anais do SILEL* 2 (2). EDUFU.
- Rothstein, Susan (2008) Two puzzles for a theory of lexical aspect: Semelfactives and degree achievements. In Johannes Dölling, Tatjana Heyde-Zybatow & Martin Schafër (orgs.), *Event structures in linguistic form and interpretation*. Walter de Gruyter, pp. 175–199.

